

ABORDANDO OS GÊNEROS DO DISCURSO NA ESCOLA: UM ESPAÇO PARA A TRANSGRESSÃO?

TEACHING DISCOURSE GENDERS AT SCHOOL: A SPACE FOR TRANSGRESSION?

Gláucia Muniz Proença Lara*

Resumo

Partindo das concepções de M. Bakhtin e inserindo-as no quadro mais amplo dos estudos textuais/discursivos, propomos que a abordagem dos gêneros na escola se dê não a partir de suas regularidades, o que tem sido feito tradicionalmente, mas do ponto de vista da transgressão, noção inspirada na intertextualidade intergêneros de L. Marcuschi, que ocorre quando um gênero assume a função ou a forma de outro. Essa proposta favorece uma reflexão mais crítica e profunda sobre a noção de gêneros, pois leva os alunos a reconhecerem as especificidades de diferentes gêneros, observando, ao mesmo tempo, como elas se articulam e se desviam na construção de determinados efeitos de sentido (de humor, de surpresa etc.). Experiências desenvolvidas com alunos de letras e cursos afins da UFMG têm-se mostrado produtivas como forma de contribuir para a formação de leitores/produtores de textos proficientes na utilização dos gêneros em diferentes situações.

Palavras-chave: *Discurso, Gêneros, Transgressão, Ensino.*

Abstract

Using the ideas of M. Bakhtin and inserting them in the broader frame of textual/discursive studies, we propose that the work with genders at school should not focus on their regularities, as it has been done traditionally, but on transgression, a concept based on the notion of inter-generic intertextuality developed by L. Marcuschi, which occurs when a gender takes on the function or the form of another one. This

approach promotes a more critical and profound reflection on the notion of gender, because it makes the students recognize not only the constraints associated to different genders, but also the ways in which they relate to one another and deviate from expected patterns, so as to construct certain effects of sense (of humor, of surprise etc). Experiments conducted with students of Letters and related courses at UFMG have been productive as a contribution to the formation of readers/producers of texts proficient in the use of genders in different situations.

Key words: *Discourse, Gender, Transgression, Teaching.*

I Introdução

A escolha do tema a ser explorado no presente artigo justifica-se por duas razões principais. Em primeiro lugar, porque, devido à grande incidência dos gêneros do discurso em nossa vida diária, eles se tornam merecedores de atenção e análise. Como afirma Marcuschi (2002), "é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum gênero" (p. 22). É por essa razão que um número, cada vez maior, de pesquisadores tem-se debruçado sobre o estudo dos gêneros, buscando descrever suas especificidades e mostrar seu funcionamento. Em segundo lugar, porque eles vêm ampliando seu espaço no ensino da língua materna, principalmente a partir do aval dos *Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa-PCNs* (Brasil, 1998).

No entanto, vemos que a escola tem-se pautado por uma ótica mais tradicional no/para o ensino dos gêneros, focalizando muito mais suas coerções, suas regularidades, do que a liberdade de que o sujeito falante dispõe para operar com eles. Disso resulta um viés normativo na abordagem dos gêneros, viés muito próximo, aliás, daquele assumido para o ensino de gramática (Fiorin, 2006, p. 60). Apenas para citarmos um exemplo, a pesquisa de Brun (2008) constatou que, em quatro livros (volume único) de Língua Portuguesa para o Ensino Médio, todos recomendados pelo *Programa Nacional do Livro Didático para o Ensino Médio-PNLEM* (Brasil, 2006) – e amplamente utilizados nas escolas brasileiras, havia um único exercício, num deles, focalizando a hibridização ou mescla de gêneros.

Além disso, não podemos perder de vista que o aluno/leitor – de textos e gêneros – não pode mais ser visto como uma instância abstrata ou universal, que recebe apenas, de forma passiva, os

sentidos depositados no texto, mas, antes, como um "centro do discurso", que constrói, interpreta, avalia, aprecia, compartilha ou rejeita as significações (Bertrand, 2003).

No presente trabalho, partiremos das concepções de Bakhtin (1992) rumo ao quadro mais amplo das teorias do texto/do discurso – noções que tomamos aqui como equivalentes –, buscando propor uma metodologia alternativa para o ensino dos gêneros na/pela escola: abordá-los não a partir de suas regularidades, o que tem sido feito tradicionalmente, mas do ponto de vista da transgressão, isto é, da hibridização ou mescla de gêneros em um mesmo espaço textual, tal como explicaremos na seção 3.

Essa abordagem alternativa tem a vantagem de favorecer uma reflexão mais crítica e profunda sobre a noção de gêneros, uma vez que leva os alunos a reconhecerem as especificidades de diferentes gêneros, observando, ao mesmo tempo, como elas se articulam e se desviam na construção de determinados efeitos de sentido (de humor, de surpresa etc.).

Além disso, se levarmos em conta esse aluno-leitor ativo, descrito por Bertrand (2003), teremos que admitir que os parâmetros que normatizam os gêneros – levando-nos a reconhecê-los e a operar produtivamente com eles – não apagam o papel ativo dos sujeitos, que podem respeitar esses gêneros, mas também podem subvertê-los ou transgredi-los, como propõe Charaudeau (1992), para quem o texto se produz como resultado de uma confrontação entre as coerções do gênero e as estratégias assumidas pelo locutor.

Nessa mesma perspectiva, Marcuschi (2002) afirma que, se os gêneros, enquanto entidades sociodiscursivas, contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia-a-dia, eles não constituem instrumentos estanques e enrijecedores da ação criativa. Trata-se, ao contrário, de fenômenos maleáveis e dinâmicos que surgem, modificam-se e mesmo desaparecem, em função das necessidades e das atividades (relacionadas às diferentes esferas de utilização da língua) presentes numa dada sociedade.

Concordando com os autores citados, assumimos que o gênero se situa na zona de tensão entre um conjunto de restrições (ou de regularidades) e um horizonte de possibilidades (ou de variações possíveis), o que implica um sujeito capaz de operar sobre o convencional, sobre o previamente

instituído, assumindo-o ou subvertendo-o, em busca da construção de outros (novos) efeitos de sentido. Essa questão passa, naturalmente, pela existência de gêneros mais (ou menos) padronizados.

2 Os Gêneros do Discurso em Bakhtin

Se a reflexão sobre os gêneros de discurso remonta à Antiguidade Clássica, é a Bakhtin, já no século XX, que devemos sua retomada e ampliação para além das tradições da Retórica e da Poética. O autor tornou-se, assim, não apenas uma referência para grande parte dos pesquisadores das ciências da linguagem – como atesta o grande número de trabalhos vinculados a disciplinas que vão da Teoria Literária à Análise do Discurso e que retomam, em maior ou menor grau, as concepções do teórico russo –, mas também para o ensino de línguas – como comprova a incorporação da noção de gêneros, de inspiração bakhtiniana, aos PCNs.

Segundo Bakhtin (1992, p. 279-287), quando o locutor utiliza a língua numa determinada esfera da atividade humana, ele o faz sob a forma de "enunciados (orais e escritos) concretos e únicos". O enunciado é, pois, tomado como "a unidade real da comunicação verbal", definição essa que o aproxima da concepção atual de texto.

Os enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas por seu *conteúdo temático* (que remete aos assuntos das diferentes atividades humanas), por seu *estilo* (seleção operada nos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua) e por sua *construção composicional* (que corresponde, grosso modo, à estrutura textual e às relações que se instituem entre os parceiros da comunicação).

As esferas de utilização da língua passam, pois, a compor um repertório de "*tipos relativamente estáveis de enunciados*" que são os gêneros do discurso (Bakhtin, 1992, p. 279: grifos do autor). Esses gêneros são considerados inesgotáveis pela riqueza e variedade que representam a partir das inúmeras esferas de atividades humanas e pela capacidade de ampliar-se a partir dos tipos estáveis. Nessa perspectiva, o conceito de gêneros adquire um caráter mais amplo, referindo-se também aos textos que empregamos nas situações cotidianas de comunicação.

Vemos que a definição de gênero proposta por Bakhtin atesta, sem dúvida alguma, uma certa estabilidade (ou normatividade) nas produções verbais dos falantes. No entanto, ao caracterizar os gêneros como tipos relativamente estáveis de enunciados, o autor abre espaço para a *transgressão* (uma das formas de hibridização de gêneros), questão que nos interessa mais de perto no presente trabalho.

3 Definindo e Problematizando a Transgressão

Embora *transgredir* seja um termo forte, tomado no sentido corrente como "desobedecer a, deixar de cumprir, infringir, violar, postergar", como consta no *Novo Dicionário da Língua Portuguesa* (Ferreira, 1986, p. 1701), preferimos tomá-lo nesta outra acepção, também presente no mesmo dicionário: "Passar além de, atravessar", o que, no âmbito do presente trabalho, implica ir além de um dado gênero, ultrapassá-lo para construir outros (novos) efeitos de sentido.

Nessa perspectiva, entendemos que ocorre uma *transgressão* quando um gênero assume a função de outro: por exemplo, um anúncio publicitário sob a forma de um verbete de dicionário (vide Lara, 2005/2006) ou um convite sob a forma de uma bula de remédios. Nos dois casos, mantém-se a função do gênero primeiro (o que denominamos *transgredido*): vender um dado produto ou convidar alguém para um evento, função essa que passa a ser assumida pelo gênero *transgressor* (no caso, o verbete e a bula), que emprestam, ao mesmo tempo, sua forma ao gênero *transgredido*. Ou seja, há uma espécie de camuflagem de um gênero por outro.

Como se vê, o viés que assumimos aqui retoma, com pequenas modificações (sobretudo terminológicas), aquilo que Marcuschi (2002), na esteira de Ursula Fix, chama de "intertextualidade intergêneros". Trata-se do "aspecto da hibridização ou mescla de gêneros em que um gênero assume a função de outro", o que subverte o modelo global de um gênero pela violação de seus cânones (Marcuschi, 2002, p. 31). Citando, como exemplo desse fenômeno, o caso em que um artigo de opinião assume o formato de um poema, o autor afirma que não haveria dificuldades interpretativas, uma vez que o predomínio da função supera a forma na determinação do gênero. Assim, o leitor recuperaria, sem maiores problemas, o gênero funcional (artigo de opinião), apesar de o formato remeter a um outro gênero.

Por sua vez, Miranda (2007), ao abordar o cruzamento de gêneros, usa o termo "intertextualização", definindo-o da seguinte maneira:

Este processo pode ser sumariamente definido como aquele em que se estabelece uma relação de co-presença entre elementos (ou traços) associáveis a parâmetros de textualização que relevam de gêneros textuais diferenciados (dois ou mais) no espaço de um único texto. Em outras palavras, um dado texto, que se inscreve em um gênero textual determinado, recorre à intertextualização quando introduz traços que se associam a outros gêneros diferentes do próprio (p. 1047).

Cabe esclarecer que *intertextualização* e *intertextualidade* não se confundem: a intertextualidade (tomada em sentido estrito) implica "pôr em co-presença dois ou mais textos empíricos em um mesmo espaço textual" (Miranda, 2007, p. 1047). Não envolve, portanto, gêneros (como a intertextualização), mas textos empíricos. A autora retoma, ainda, o conceito de "intertextualidade intergêneros" proposto por Marcuschi (2002), na esteira de Fix, para lembrar que, embora tal noção se aproxime da de intertextualização, esta não se limita aos casos em que existe uma mescla de formas e funções de gêneros, como propõe Marcuschi. Trata-se, portanto, de uma noção mais ampla, em que o "gênero convocado" (ou hipogênero) pode preencher a totalidade do texto (pastiche global de um gênero) ou ser integrado como parte(s) do texto. Nesse caso, o hipogênero serve, de alguma forma, aos interesses do hipergênero, ou seja, do "gênero convocante".

Finalmente, Maingueneau (1993, p. 102-104), ao estudar os fenômenos da heterogeneidade discursiva, propõe a noção de *imitação* que, segundo ele, pode incidir sobre um texto particular (e seu gênero) ou apenas sobre um gênero (não remetendo, portanto, a nenhum texto específico). Seriam duas as formas de imitação (de textos e/ou de gêneros): *captação* e *subversão*. Acreditamos que a noção de transgressão aqui proposta aproxima-se mais da noção de captação de Maingueneau, uma vez que por subversão o autor entende a desqualificação de um texto/gênero no próprio movimento de sua imitação.

Ora, nos textos com que trabalhamos até agora, oriundos de diferentes domínios (publicitário, de imprensa, científico, administrativo, literário etc.), os gêneros transgressores agem muito mais no sentido de valorizar (ou reforçar) os gêneros transgredidos, construindo efeitos de sentido diversos (de surpresa, de estranhamento, de humor etc.), do que no sentido de desqualificá-los. Essa é, evidentemente, uma possibilidade que não pode ser descartada *a priori*, quando falamos de transgressão, mas que não ocorreu nos *corpora* que já examinamos.

No entanto, Maingueneau não aceita a ideia de transgressão de gêneros. O que ocorre, na sua opinião, é uma mudança de cenografia nos gêneros menos padronizados. Quanto a essa questão, o autor propõe quatro modos de genericidade instituída, que vão do modo I (mais padronizado, como é o caso de fichas administrativas, catálogo telefônico, registros de cartório etc.) ao modo IV (mais criativo, o que remete aos gêneros literários). Nos modos intermediários, estariam os gêneros que seguem uma cenografia preferencial ou esperada, mas toleram desvios (modo II), por exemplo, um programa político-eleitoral em forma de carta; ou aqueles que incitam à inovação (modo III), não apresentando, portanto, uma cenografia preferencial (embora, com o tempo, possam tornar-se estereotipados), como ocorre em publicidades, músicas e programas de TV (Maingueneau, 2004, p. 50-53).

Assim, teríamos textos que se limitariam a cumprir seu contrato genérico (como os do modo I) e outros que, por incitarem à inovação, requerem a invenção de cenografias variadas, caso em que um gênero: (1) poderia assumir, integralmente, o formato de outro (como o exemplo apresentado no modo II acima, que tomaríamos como transgressão); ou (2) apenas introduzir elementos não esperados pelos/nos parâmetros de um dado gênero. A situação descrita em (2) ocorre no exemplo, citado pelo autor (Maingueneau, 2001, p. 89), de um guia de turismo que, embora siga as normas impostas pelo gênero (definição de lugares dignos de serem visitados, informações práticas, como horário de funcionamento, acesso etc.), não se limita a cumprir uma cena genérica do tipo didático, habitual no gênero guia; ao contrário, põe em cena o estilo falado de um enunciador jovem que se dirige a outros jovens (no estilo mochileiro), o que resulta numa cenografia original. Diante disso, o que chamamos de transgressão seria um caso particular de mudança de cenografia, correspondendo à situação (1).

Transgressão, intertextualidade intergêneros, intertextualização, imitação/captação, mudança de cenografia. A diversidade de termos/conceitos, ainda que haja pontos significativos de convergência entre eles, mostra que não se trata de uma questão simples. Aliás, a dificuldade de abordar a noção (mais ampla) de hibridismo ou mescla de gêneros é corolária da própria complexidade e extensão do conceito de gêneros. Afinal de contas, nem sempre é fácil decidir sobre os limites entre um gênero e outro, reconhecer subgêneros no interior de um gênero maior e mesmo arrolar critérios que permitam enquadrar um determinado texto/discurso num gênero x, e não num gênero y.

Essa dificuldade leva Mari e Silveira (2004, p. 65) a admitirem que a concepção de gêneros apresenta uma "mobilidade prática" ou uma "funcionalidade intuitiva" inversamente proporcional à sua clareza conceitual. Ou seja, mesmo não sabendo explicitar o que entendem por gêneros, os usuários são capazes de reconhecê-los e de operar, de forma produtiva, com os diferentes gêneros que circulam socialmente, percebendo, inclusive, as transmutações que sofrem e as quebras de expectativa que os afetam.

Afirmando que um dos problemas centrais no cruzamento de gêneros num texto é exatamente reconhecer o fenômeno, Miranda (2007, p. 1048) se pergunta: como é possível identificar os gêneros em interação? Ora, como a própria autora responde, o reconhecimento do que ela chama de *intertextualização* é possível pela presença dos "marcadores de gênero". Trata-se de pistas semióticas (verbais, como o léxico, a sintaxe e a posição enunciativa; ou não-verbais, como a apresentação do material e a variação cromática) que permitem ao leitor identificar os parâmetros que apontam para um dado gênero.

É por isso que, num anúncio publicitário de uma cachaça que assume o formato de um verbete de dicionário, marcas como a expressão ritualizada "Consuma com moderação" ou o endereço eletrônico para a aquisição do produto permitem resgatar o gênero publicidade, camuflado pelo verbete (vide Lara, 2005/2006). Aliás, Miranda (2007, p. 1048) destaca que, nos casos de pastiches que incidem sobre a totalidade do texto (casos que tratamos como transgressão), podem ocorrer apenas marcadores do hipogênero (ou gênero transgressor, na nossa terminologia), sendo o hipergênero (ou gênero transgredido, para nós), recuperável por outros aspectos que não os semióticos, como os elementos situacionais (produtor, suporte etc.), por exemplo.

Apesar das dificuldades que um trabalho com a mescla de gêneros suscita, os pontos de vista de Mari e Silveira (2004) e de Miranda (2007) mostram que é possível adotar essa abordagem para o ensino de gêneros na/pela escola, ao invés de assumir a postura mais tradicional de estudá-los apenas pelo viés de suas regularidades e coerções. Mesmo porque, para transgredir nos moldes que estamos propondo, é preciso que os alunos – leitores e produtores de textos – reconheçam antes os parâmetros genéricos ou os condicionamentos dos gêneros que se cruzam num mesmo espaço textual. Na próxima seção, descreveremos, em linhas gerais, o trabalho que temos realizado, desde março de 2007, com alunos de graduação e de pós-graduação de letras e cursos afins, no âmbito do projeto maior *Gêneros do discurso e ensino*.

4 Subvertendo o Ensino de Gêneros na Escola

As questões discutidas até agora fornecem o pano de fundo para o ensino dos gêneros do discurso pelo viés da transgressão. Nosso trabalho tem privilegiado textos do domínio midiático (sobretudo textos publicitários), uma vez que se trata de gêneros menos padronizados (modo III de genericidade instituída, na visão de Maingueneau, 2004) e, portanto, mais propícios à transgressão ou à mudança de cenografia, como propõe o autor.

Cabe, inicialmente, familiarizar os alunos com a concepção de gêneros e com a noção correlata de transgressão (ou similar), aplicando-as, em seguida, a textos empíricos. Alguns desses textos – bem como o trabalho de análise desenvolvido a partir deles – podem ser consultados em Lara (2005/2006, 2007). Nessa perspectiva, diante de textos em que ocorre transgressão, os alunos são levados a identificar as especificidades tanto do gênero transgressor, ou seja, aquele que empresta a forma (também chamado de hipogênero), quanto do gênero transgredido, isto é, aquele que mantém a função (hipergênero). Por exemplo, no caso de um artigo de opinião apresentado sob a forma de uma carta, o gênero funcional artigo de opinião seria o transgredido e a carta, o gênero transgressor, já que ele camufla o primeiro, ocupando a totalidade do espaço textual.

Lembramos que por transgressão entendemos o processo em que ocorre uma mescla de gêneros, na qual um deles assume a função do outro, emprestando-lhe, ao mesmo tempo, sua forma. Portanto, para nós não basta a presença de traços de um outro gênero para caracterizar a transgressão, como acontece em propostas mais amplas (caso da intertextualização ou da mudança de cenografia, abordadas no item 3).

A identificação dos gêneros que se cruzam depende, como vimos, dos marcadores de gênero. No trabalho aqui descrito, assumimos os três componentes propostos por Bakhtin (1992): *conteúdo temático*, *estilo verbal* (acrescido de elementos não-verbais, se for o caso) e *construção composicional*. Outra possibilidade seria adotar a proposta de Miranda (2007), que fala de marcadores *composicionais* (que remetem à organização do plano de texto: títulos, figuras, legendas), *disposicionais* ou *materiais* (como a variação tipográfica e a paginação), *interativos* (que implicam redundâncias entre o verbal e o não-verbal), *temáticos* (que resultam da organização léxico-

semântica), *enunciativos* (relacionados aos indicadores de pessoa, tempo e espaço) e *estratégicos* ou *intencionais* (atos de linguagem, presença ou ausência de elementos valorativos etc.). A título de ilustração, listamos no Quadro I, aleatoriamente e sem a preocupação de exaustividade, alguns exemplos de textos transgredidos e transgressores que foram trabalhados pelos alunos (de graduação e de pós-graduação) em disciplinas como *Oficina de textos e Introdução à análise do discurso*:

Quadro I

Gênero transgredido	Gênero transgressor
Anúncio publicitário	<ul style="list-style-type: none"> - Poema - Carta pessoal - Quadrinhos - Manual de instruções - Teste de múltipla escolha - Manifesto - Peça de teatro - Carteira de identidade - Capa de revista - Pictograma
Artigo de opinião	Classificados
Crônica jornalística	Carta pessoal
Documentário Panfleto político	Quadrinhos
Receita culinária Horóscopo	Poema
Poema	Estatuto
Conto	Narrativa bíblica

Declaração de amor	Bula de remédio
	Petição
Pregação religiosa	Bula de remédio
	Cartão comercial
Convite	Bula de remédio
Notícia/informe	Poema
	Receita culinária

Examinando o Quadro I, podemos chegar a algumas constatações (ainda que parciais) sobre o trabalho com a transgressão de gêneros:

a) a publicidade, de fato, tem-se valido da transgressão como recurso para promover seus produtos, destacando-os no mar de ofertas que cercam o consumidor no seu dia-a-dia. Os gêneros transgressores são bastante variados (poema, carta pessoal, quadrinhos, manual de instrução etc.), ultrapassando largamente o domínio midiático;

b) os gêneros de imprensa (notícia, classificados, crônica jornalística, artigo de opinião etc.) também situados no domínio midiático, mostram-se igualmente propícios à transgressão, o que faz desse domínio um espaço privilegiado para o estudo desse fenômeno;

c) um mesmo gênero pode transgredir ou ser transgredido. É o que acontece, por exemplo, com o poema: transgredido, no caso do estatuto, e transgressor, no da publicidade ou no da receita culinária, por exemplo;

d) mesmo os gêneros mais padronizados (como a bula de remédios ou a carteira de identidade) são passíveis de transgressão, mas, ao que tudo indica, eles aparecem preferencialmente na posição de transgressores;

e) a transgressão não se limita a um mesmo domínio, havendo intensa circulação entre gêneros oriundos de domínios diferentes. Por exemplo, um panfleto (domínio político) pode transformar-se em quadrinhos (domínio midiático); uma pregação (domínio religioso) pode assumir a forma de uma bula de remédios (domínio científico).

Da leitura e análise de textos produzidos em/por outras instâncias, os alunos passam à produção de seus próprios textos transgressivos, como comprovam os exemplos a seguir. Trata-se de textos

produzidos por alunos de graduação que cursaram a disciplina *Introdução à análise do discurso* no 2º semestre de 2008 (Textos 1 e 2) e no 1º semestre de 2009 (Texto 3):

TEXTO 1: BOLINHO FOFINHO DA VOVÓ FILÓ*

Pegue três ovos e o leite
Sem dó, ponha o pó
Despeje na tigela o conteúdo!
Tudo!

Bater na batedeira?
Deixe de besteira!
mexa sem parar
para a massa não desandar.

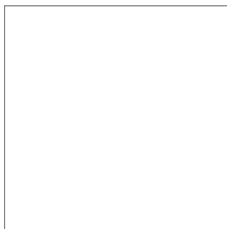
Assar... assar... assar...
Trinta minutos
Devem dar.
Sirva quando esfriar.

* Texto produzido pelas alunas: Flávia Almeida, Maiara Marques, Mariana Nunes, Renata Aiala de Mello e Tatiana Affonso Ferreira.

O Texto 1 é uma receita de cozinha (transgredido) que se apresenta, no entanto, sob a forma de um poema (transgressor), o que pode ser constatado pela presença de versos/estrofes e de rimas, além de outros recursos estilísticos, como a sonoridade do título (obtida no *jogo* com as consoantes fricativas /f/, /v/ e a vogal posterior /o/) ou a repetição (assar... assar... assar). Constroem-se, assim, efeitos de sentido de informalidade e de subjetividade que destoam do caráter objetivo e formal de uma receita tradicional (sobretudo escrita). Mantém-se, no entanto, a função do gênero primeiro: ensinar a confeccionar um prato – já que o texto foi inspirado numa receita real –, a que se acrescenta uma pitada de humor pelo viés da transgressão.

Já no Texto 2, a receita é o gênero transgressor, pois empresta sua forma ao conto de fadas (gênero transgredido), como mostra, por exemplo, a estrutura composicional do texto, constituída das duas partes básicas de qualquer receita culinária: ingredientes e modo de preparo, além dos

verbos utilizados: *acrescentar*, *borbulhar* no imperativo, indicando a predominância de sequências injuntivas (estilo verbal), ainda que os ingredientes listados e seu modo de preparo remetam à temática das histórias encantadas (jovem, vilã, príncipe, casar com a jovem, ser feliz para sempre etc.). A função desta receita não é, pois, ensinar a confecção de um prato (como no exemplo anterior), mas descrever o processo de construção de um conto de fadas.



TEXTO 2: CONTO DE FADAS*

Ingredientes:

I linda e doce jovem

I vilã muito má

I amigo fiel (animal ou humano)

I príncipe corajoso

Modo de preparo:

Coloque a linda jovem em uma situação difícil (pobreza, sofrendo maus tratos, encantada), que a faça sofrer. Acrescente lágrimas a gosto e, para tirar o amargo, acrescente um amigo fiel para consolá-la. Acrescente uma situação de grande perigo e afaste o amigo fiel por alguns minutos. Deixe a história borbulhar alguns minutos, em seguida acrescente um príncipe corajoso para vencer a vilã, livrar a jovem dessa situação, se casar com ela e ser feliz para sempre.

*Texto produzido pelas alunas Eduarda Toledo, Fabiana Kelly, Jozelma Ramos, Manoela Vieira e Melina Melo.

Finalmente, no terceiro exemplo, reaparece o conto de fadas como gênero transgredido, mas, dessa vez, o transgressor é a notícia de jornal, com sua estrutura e estilo típicos, como comprovam a presença do *lead* (abertura do texto jornalístico, em que se apresenta sucintamente o assunto ou se destaca o fato essencial da matéria); a predominância, no corpo do texto, de sequências narrativas que buscam detalhar as informações básicas fornecidas no *lead* (o quê, quem, quando, onde, como e por que); e a linguagem clara e objetiva que recorre, com frequência, ao discurso direto para criar um efeito de sentido de autenticidade. O conteúdo, no entanto, mantém-se fiel ao domínio do faz de conta, dialogando, de forma bem humorada, não apenas com a história dos Três Porquinhos, mas também com a do Chapeuzinho Vermelho (intertextualidade).

TEXTO 3 – JORNAL DAS FADAS – Quarta-feira, 6 de maio de 2009*

'Os irmãos ganharão novas casas', diz governador

Governador do Estado das Fadas diz que pretende cobrir os danos dos porquinhos lesados no ataque do Lobo Mau.

Os dois irmãos porquinhos, Cícero e Heitor, que tiveram suas casas destruídas pelo Lobo Mau nessa última segunda-feira, dia 4 de maio, deverão receber apoio do governo. Em entrevista coletiva realizada na terça-feira seguinte ao ataque, o governador do Estado das Fadas diz ter sido "lastimável" o evento e garantiu que medidas serão tomadas.

O ataque revelou a situação perigosa em que se encontra o Estado das Fadas, com milhões de casas construídas com materiais de baixa qualidade devido à falta de recursos. "Com a escassez de tijolos, as pessoas têm feito casas até de doces", disse o pesquisador da Universidade Federal das Fadas, Dragão Júnior.

Os dois porquinhos estão atualmente morando na residência de seu irmão mais velho, Prático, um dos poucos da região que possui uma casa de tijolos. O Lobo Mau, que já havia sido autuado anteriormente por pedofilia no caso *Chapeuzinho Vermelho*, encontra-se foragido.

*Texto produzido pelas alunas: Aline Matos Costa, Flora Gomes Cândido, Marcela Palhares, Maria Ester Nunes e Natália Cristina Ribeiro Abreu.

Esses textos, apresentados e comentados brevemente, permitem concluir que os alunos participantes da experiência relatada, de fato, compreenderam a transgressão e foram capazes de operar produtivamente com ela, o que comprova a eficácia do ensino de gêneros pelo viés alternativo que estamos propondo.

Pode-se alegar que, por se tratar de uma abordagem que envolve maior complexidade, ela seria pouco viável para alunos do Ensino Básico. No entanto, foi realizado com alunos da *Oficina de Alfabetização e Letramento Digital* (Centro Comunitário do Barreiro / Belo Horizonte) um trabalho de leitura e interpretação de textos midiáticos, sobretudo anúncios publicitários, sob a ótica da transgressão, e os resultados também se mostraram satisfatórios, apesar de os alunos terem apresentado um grau maior de dificuldade na produção do texto transgressivo. Isso sugere a necessidade de mais tempo para desenvolver esse tipo de experiência no Ensino Básico.

5 Conclusão

Os gêneros do discurso, tomados como "formas socialmente maturadas em práticas

comunicativas" (Marcuschi, 2002, p. 35), funcionam como geradores de expectativas de compreensão mútua. Não são, no entanto, algo pronto e acabado, mas conjuntos de regularidades discursivas que, como tais, se prestam a deslocamentos, desvios e rupturas. Aliás, o próprio Bakhtin parece já ter previsto essas possibilidades quando conceituou os gêneros como tipos *relativamente* estáveis de enunciados, elaborados pelas diferentes esferas de utilização da língua.

Essa margem possível de manobra de que o sujeito dispõe para trabalhar com e sobre os gêneros é que propicia uma abordagem alternativa como a que aqui se propõe. Se queremos formar leitores/produtores de textos mais críticos e dinâmicos, cidadãos que se integrem plenamente ao contexto atual globalizado – em que a mobilidade é grande –, precisamos fornecer-lhes instrumentos adequados para transitar entre diferentes gêneros e domínios, reconhecendo e respeitando suas especificidades, mas também sendo capazes de jogar com elas, subvertendo-as, transgredindo-as, em busca de determinados efeitos de sentido.

Para nós, a questão fundamental que se coloca é, pois, a de buscar a articulação entre as coerções e o espaço de liberdade do sujeito no trabalho com os gêneros, investindo mais nesta do que naquelas se queremos formar o aluno-leitor (e – acrescentamos – produtor de textos) ativo de que nos fala Bertrand (2003). Como afirma Charaudeau (2004), "aceitar que existem gêneros é reconhecer que a produção linguageira é submetida a restrições. Mas em que nível estas restrições intervêm?" (p. 19). As reflexões aqui apresentadas buscaram responder – mesmo que de forma provisória e parcial – a essa questão. Se elas servirem de ponto de partida para novas experiências pelo viés da transgressão, já teremos dado a nossa modesta contribuição para o ensino de gêneros na escola.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BERTRAND, Denis. *Caminhos da semiótica literária*. Bauru: Edusc, 2003.

BRASIL. MEC. *Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa-PCNs*. Brasília, 1998.

BRASIL. MEC. *Programa Nacional do Livro Didático para o Ensino Médio-PNLEM*. Brasília, 2006.

BRUN, Edna P. *A inter-relação tipo e gênero na formação de alunos produtores de textos*. 2008. Dissertação (Mestrado)-CCHS/Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2008.

CHARAUDEAU, Patrick. *Grammaire du sens et de l'expression*. Paris: Hachette, 1992.

_____. Visadas discursivas, gêneros situacionais e construção textual. In: MACHADO, Ida Lúcia; MELLO, Renato de (Org.). *Gêneros: reflexões em análise do discurso*. Belo Horizonte: NAD/POSLIN/FALE-UFMG, 2004. p. 13-41.

FERREIRA, Aurélio B. de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2006.

LARA, Glaucia M. P. Mídia, gêneros do discurso e transgressão. *Caligrama*, Belo Horizonte: FALE/UFMG, v. 10, p. 143-162, dez. 2005/jan. 2006.

_____. A transgressão de gêneros em textos de publicidade e propaganda no Brasil/Genre Transgression in Brazilian Commercial and Informative Advertisement. *Stockholm Review of Latin American Studies*, Estocolmo (Suécia): Instituto Latino-Americano da Universidade de Estocolmo, n. 2 (Mídia e transgressão: casos brasileiros), nov. 2007. Disponível em: <www.lai.su.se>. Acesso em: 30 abr. 2009.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas: Ed. da UNICAMP/Pontes, 1993.

_____. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. Diversidade dos gêneros de discurso. In: MACHADO, Ida Lúcia; MELLO, Renato de (Org.). *Gêneros: reflexões em análise do discurso*. Belo Horizonte: NAD/POSLIN/FALE-UFMG, 2004. p. 43-58.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela P.; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, M. Auxiliadora (Org.). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 19-36.

MARI, Hugo; SILVEIRA, José Carlos C. Sobre a importância dos gêneros discursivos. In: MACHADO, Ida Lúcia; MELLO, Renato de (Org.). *Gêneros: reflexões em análise do discurso*. Belo Horizonte: NAD/POSLIN/FALE-UFMG, 2004. p. 59-74.

MIRANDA, Florencia. Marcadores de gênero: uma pista para identificar a ficcionalização de gêneros textuais? In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS DE GÊNEROS TEXTUAIS – IV SIGET, 4., *Anais...* Tubarão: UNISUL, 2007. p. 1045-1055. (Disponível em CD Rom).

Dados da autora:

*Glaucia Muniz Proença Lara

Doutora em Semiótica e Linguística Geral – USP – Pós-doutora em Semiótica – Paris – e Professora da Faculdade de Letras – UFMG

Endereço para contato:

Universidade Federal de Minas Gerais

Faculdade de Letras

Av. Antônio Carlos, 6627

31.270-901 Belo Horizonte/MG – Brasil

Endereço eletrônico: gmplara@gmail.com

Data de recebimento: 28 maio 2009

Data de aprovação: 30 ago. 2009